

FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DO EVARISTO/CE

Sabrina Maria Soares de Castro¹

Elcimar Simão Martins²

Luana Mateus de Sousa³

Resumo:

Educar é sinônimo de liberdade para o povo negro, a educação passou a ser um ponto de partida para transformar a realidade de muitas mulheres quilombolas. Na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, em Baturité (CE), a maioria dos educadores são mulheres comprometidas em formar pessoas conscientes de suas origens e responsabilidades com a comunidade. Este trabalho destaca as trajetórias de Fátima de Brito Silva, Maria Rosilene Ramos e Maria do Socorro Fernandes Castro. O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória de professoras do Quilombo Serra do Evaristo, compreendendo os aspectos de suas formações, como motivações ao magistério, percalços vividos, experiências da Educação Escolar Quilombola, e por fim, comparar as diferenças formativas de tempos passados e na atualidade. A pesquisa é de caráter qualitativo e etnográfico, visto que houve também observação participante da pesquisadora, que é natural da comunidade. Os processos formativos de educadoras quilombolas da Serra do Evaristo evidenciam a integração de saberes ancestrais à prática pedagógica, marcada por resistência e resiliência diante de desafios como o acesso à educação e a preservação da identidade cultural. Com base na análise realizada, pode-se afirmar que as trajetórias das professoras do Quilombo Serra do Evaristo foram marcadas por desafios, resistências e transformações significativas. Ao evidenciar esses aspectos, pretende-se contribuir para o fortalecimento da Educação Escolar Quilombola e para a formação de mais professoras quilombolas.

Palavras-chave: Território quilombola. Formação. Luta por direitos. Educação Escolar Quilombola.

Abstract:

Education is synonymous with freedom for black people; education has become a starting point for transforming the reality of many quilombola women. In the Serra do Evaristo Quilombola Community, in Baturité (CE), most educators are women committed to educating people who are aware of their origins and responsibilities to the community. This work highlights the trajectories of Fátima de Brito Silva, Maria Rosilene Ramos and Maria do Socorro Fernandes Castro. The objective of this work is to analyze the trajectories of teachers from the Serra do Evaristo Quilombo, understanding aspects of their training, such as motivations for teaching, setbacks experienced, experiences of Quilombola School Education, and finally, to compare the differences in training from times past and today. The research is qualitative and ethnographic in nature, since there was also participant observation by the researcher, who is a native of the community. The training processes of quilombola educators from Serra do Evaristo demonstrate the integration of ancestral knowledge into pedagogical practice, marked by resistance and resilience in the face of challenges such as access to education and the preservation of cultural identity. Based on the analysis carried out, it can be stated that the trajectories of the teachers from Quilombo Serra do Evaristo were marked by challenges, resistance and significant transformations. By highlighting these

aspects, we intend to contribute to the strengthening of Quilombola School Education and the training of more quilombola teachers.

Keywords: Quilombola territory. Training. Fight for rights. Quilombola School Education.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

² Orientador. Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

³ Coorientadora. Doutora em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal do Ceará.

Data de submissão:

Introdução

A busca pela liberdade do povo negro, se deu ainda em condição de escravizados, seja pelas intensas e incessantes tentativas de fugas das casas de engenho, senzalas e plantações, seja pelo simples fato de saber ler e escrever. Para Davis (2016), a resistência à escravidão ia além das fugas e revoltas, incluindo também a importância de deter e transmitir conhecimentos dentro da comunidade. Dessa forma, educar é sinônimo de liberdade para o povo negro, se configurando como um ato político, pois carrega fundamentos a luta antirracista (hooks, 1994).

Esse entendimento sobre o ato de lecionar se manteve até a formação dos quilombos, onde a educação passou a ser um ponto de partida para transformar a realidade de muitas mulheres quilombolas. Em contextos marcados pelo patriarcado, elas eram tradicionalmente responsáveis pelos cuidados do lar, dos filhos e pelo trabalho na roça. No entanto, as que possuíam algum nível de escolaridade também assumiam papéis de liderança em associações, espaços religiosos e na saúde. Assim, ao ocuparem também a educação escolar, as mulheres quilombolas fortaleceram sua atuação política e ampliaram sua influência dentro das comunidades (FIABANI et al., 2017).

Apesar da Constituição de 1988 garantir a educação como direito de todos, as comunidades quilombolas seguiam com escolas precárias e ensino distante de suas

realidades. Ainda assim, continuaram lutando por educação de qualidade, com apoio da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas e do Movimento Negro Unificado. Com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2003, políticas afirmativas voltadas à população negra ganharam força. Nesse cenário, foi sancionada a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da Cultura e História Afro-brasileira e Africana, além da criação de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino das Relações Étnico Raciais, para valorizar a identidade afro-brasileira. Em 2012, Nilma Lino Gomes elaborou o parecer das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, defendendo uma educação diferenciada e respeitosa à identidade étnica quilombola.

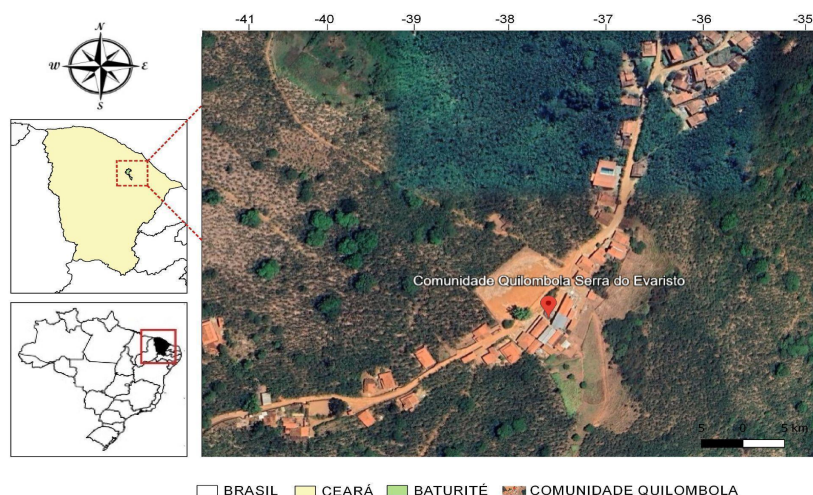
A formação de professoras negras, incluindo quilombolas, historicamente enfrentou carências na formação acadêmica e continuada, marcadas pela invisibilidade, falta de apoio financeiro, transporte e vagas que considerem suas especificidades. Segundo Oliveira et al. (2020), a ausência de conteúdos sobre cultura e história negra nos cursos de licenciatura compromete o preparo dessas docentes. Como resultado, muitas, mesmo atuando em comunidades negras, reproduzem o racismo estrutural ao não abordar essas temáticas em sala de aula, perpetuando o desconhecimento sobre a própria história.

A formação das professoras quilombolas está profundamente ligada às suas histórias de vida e ao desejo de construir uma pedagogia que valorize a cultura, os saberes ancestrais e a história do povo quilombola. Na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, em Baturité (CE), a maioria dos educadores são mulheres comprometidas em formar pessoas conscientes de suas origens e responsabilidades com a comunidade. Este trabalho destaca as trajetórias de Fátima de Brito Silva, Maria Rosilene Ramos e Maria do Socorro Fernandes Castro.

Traçando essa linha introdutória, o objetivo deste trabalho é analisar a trajetória de professoras do Quilombo Serra do Evaristo, compreendendo os aspectos de suas formações, como motivações ao magistério, percalços vividos, experiências da Educação Escolar Quilombola, e por fim, comparar as diferenças formativas de tempos passados e na atualidade.

2. A Comunidade Quilombola Serra do Evaristo

A Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, localiza-se no município de Baturité, Estado do Ceará (90 km da capital, Fortaleza), na área de serra que compõe o Maciço de Baturité (BRAGA, 2021), conforme mostra o mapa. O acesso a comunidade quilombola se dá por uma estrada de serra, íngreme e sinuosa.



Fonte: Castro - Autoria própria, 2025. Adaptado do Google Earth.

A comunidade foi certificada como território remanescente de quilombo, pela Fundação Cultural Palmares, em 11 de fevereiro de 2010. O Quilombo Serra do Evaristo carrega a resistência e espírito comunitário em suas ações e organização, e é conhecido pela sua trajetória de luta e animação. É composto por aproximadamente 160 famílias. A população da comunidade são, em maioria, negros e pardos, com características físicas afro-indígenas (RAMOS, 2024). A principal fonte de renda da comunidade vem do cultivo e comercialização da banana, e a complementação da renda, é advinda de recursos de programas sociais, aposentadoria de idosos, além de uma pequena parcela de servidores públicos municipais, e trabalhadores da construção civil (BRAGA, 2021).

Moradores antigos do Quilombo Serra do Evaristo lembram que a comunidade, de origem humilde, enfrentou fome, seca e negligência do poder público em áreas básicas. Em resposta, mobilizou-se por melhorias, com foco especial na educação, já que muitos eram analfabetos e usavam a impressão digital para assinar documentos.

3. Processos Metodológicos

A pesquisa é de caráter qualitativo e etnográfico, visto que houve também observação participante da pesquisadora, que é natural da comunidade. Na percepção de Silva et. al. (2021, p. 107), “contar nossas histórias a partir de nós mesmos faz parte do nosso fazer pedagógico, das nossas escrituras”, demonstra assim a relevância da contribuição do pesquisador que faz parte do local de pesquisa, que não pesquisa somente as vivências do outro, mas também suas próprias vivências.

A técnica de obtenção de dados, ocorreu por meio de entrevistas com três professoras do Quilombo Serra do Evaristo, duas já aposentadas e uma atuante na Escola Osório Julião, as entrevistas com educadoras aposentadas ocorreram de forma presencial e a entrevista da educadora atuante, de forma virtual. A escolha das educadoras se deu por interesse em conhecer suas histórias, e por ambas serem mulheres que além de atuarem na educação, estão envolvidas também outras esferas da comunidade, como na luta política, religiosidade e na medicina tradicional.

As entrevistas ocorreram entre os meses de janeiro e fevereiro de 2025, no quilombo Serra do Evaristo. A entrevista consistia em responder a um questionário composto por 13 perguntas, nas quais as respostas foram registradas por um aplicativo de gravação de voz do celular da pesquisadora. Das 13 perguntas, foram selecionadas 8 para os resultados e discussão. As perguntas aconteceram em forma de diálogo, um dos pontos positivos das entrevistas, foi perceber que algumas perguntas despertaram lembranças de outros momentos de suas trajetórias, que não estavam presentes no roteiro da entrevistadora, o que foi muito enriquecedor para a pesquisa.

4. Formação Docente e Educação no Contexto Quilombola: Políticas Públicas, Lutas e Conquistas

Até meados das décadas de 1960 e 1970, a população do Quilombo Serra do Evaristo não tinha estudo e se dedicava somente ao trabalho na roça e manutenção dos lares. Não havia perspectivas de mudança de vida, ou de um futuro profissional, a vida no quilombo se resumia a nascer, crescer, formar uma família, trabalhar na roça e morrer.

A primeira professora a dar aula no Quilombo Serra do Evaristo era de uma comunidade vizinha, atendendo a demanda do morador do quilombo Seu Chaga Leandro, que desejava que sua família fosse alfabetizada. Os outros jovens da comunidade que desejavam estudar, tinham que se deslocar até a sede de Baturité, quando concluíam um determinado nível do ensino fundamental, retornavam ao quilombo e eram vistos com prestígio na comunidade, pois ter estudo era considerado raro naquela época. Geralmente as moças demonstravam mais interesse em estudar, diferente dos rapazes que preferiam dedicar-se somente a trabalhar na agricultura. Ao retornar ao quilombo, as mulheres que haviam estudado se disponibilizavam a ensinar os jovens da comunidade, a partir disso formando turmas de jovens relativamente grandes. Como não havia espaços destinados à educação formal, as aulas aconteciam nas casas das próprias professoras.

A professora Maria Naide Castro (falecida em 2018) foi a precursora do ensino no quilombo, seguida por outras mulheres da comunidade. Com pouca instrução, ensinavam apenas até a 4ª série, o que levava os jovens a duas opções: interromper os estudos ou repetir a série várias vezes.

4.1 Instituições de educação formal na Serra do Evaristo

No ano de 1971 foi fundada na Serra do Evaristo, a Escola 15 de Novembro. A construção foi em um terreno doado pelo falecido morador do quilombo, Seu Osório Julião, na extensão desse terreno havia sido construída a capela da Serra do Evaristo. As aulas que aconteciam nas casas das professoras, passaram a acontecer na escola, mas mesmo havendo escola na comunidade, os alunos continuaram estudando somente até a 4º série. Devido a isso, “as lideranças e organização comunitária da Serra do Evaristo realizaram diversos movimentos para pressionar os órgãos políticos pelo direito de ampliação da oferta de educação escolar na comunidade, atingindo os veículos de rádio e mídia do município.” (Ramos, 2024, p. 92).

A prefeitura de Baturité alegava não ter condições de enviar professores à Serra do Evaristo e não buscava alternativas para garantir a continuidade dos estudos dentro do território quilombola. Até 1996, a maioria dos docentes vinha da zona urbana, e ainda não havia professores licenciados da própria comunidade, o quadro docente da escola era formado em maioria por professores vindos da zona urbana de Baturité. Com a implementação do telensino, em parceria com a secretaria municipal de educação, formou-se em 1999 a primeira turma do Ensino Fundamental II. Já em 1980, foi construída a Creche Ione Braga no mesmo espaço da escola (PPP Escola Osório Julião, 2024).

Em meio a década de 2010, a comunidade intensificou os debates sobre pertencimento e ancestralidade quilombola, tendo as reuniões da Associação Comunitária da Serra do Evaristo como importante ambiente de diálogo, onde era discutida a necessidade dos demais espaços do território se integrarem com a identidade quilombola. Os debates foram sendo trazidos para a escola da Serra do Evaristo, e em 20 de novembro 2013 houve a primeira celebração do Dia da Consciência Negra na escola, com música, ciranda e falas de lideranças comunitárias, um dia considerado como marco histórico na comunidade (RAMOS, 2024).

Em 2017 o nome da escola é alterado para Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião, e em 2024 é implementada a modalidade de ensino integral, alterando novamente o nome da escola, que atualmente é denominada Escola de Ensino em Tempo

Integral Osório Julião (RAMOS, 2024). Em 2023 a escola passa por uma reforma havendo a ampliação da mesma, com destaque para a ornamentação do espaço, onde as paredes exibem artes que simbolizam a negritude e resistência do Quilombo Serra do Evaristo, como mostram as figuras 1 e 2.



Figura 1: Escola Osório Julião em 2015.

Fonte: Lima e Vieira, 2018



Figura 2: Escola Osório em Julião em 2025.

Fonte: Castro - Autoria própria, 2025.

Atualmente a escola conta com um corpo discente composto por 132 discentes que são naturais do território quilombola e de comunidades vizinhas, e um quadro docente de aproximadamente 70% de docentes e direção formados por pessoas da própria comunidade, seguindo a práxis educativa de implementação da Educação Escolar Quilombola (EEQ).

A educação na Escola Osório Julião visa estar profundamente comprometida com a equidade, a valorização da diversidade e o fortalecimento das identidades culturais, reconhecendo a importância de integrar o conhecimento científico com os saberes tradicionais quilombolas, promovendo um ensino contextualizado, inclusivo e significativo. A participação da comunidade escolar no processo educativo, reforça a ideia de que a escola deve ser um espaço de construção coletiva, de forma ainda que seja realizada uma educação emancipadora, que contribui para a transformação social e o fortalecimento da democracia.

5. História de Vida e Trajetórias Pessoais na Construção do Ser Educadora

Os processos formativos de educadoras quilombolas da Serra do Evaristo evidenciam a integração de saberes ancestrais à prática pedagógica, marcada por resistência e resiliência diante de desafios como o acesso à educação e a preservação da identidade cultural.

A primeira entrevistada se chama Fátima Silva, conhecida como Dona Má. Foi professora da escola do quilombo durante quase 27 anos, atualmente ela é dona de casa, domina técnicas de produção de remédios caseiros e é a rezadeira na comunidade.

A segunda entrevistada foi Rosilene Ramos, conhecida como Helena, é professora atuante na Escola Osório Julião desde 2010. Além de professora, dedica sua vida à luta política em defesa dos direitos da população negra, pobre e estudantes, e é filha de Dona Ester, que durante muito tempo foi parteira na Serra do Evaristo.

A terceira entrevistada foi Socorro Fernandes, foi professora na antiga Creche Ione Braga durante 32 anos. Também dedica sua vida à religião católica, sendo cantora, catequista e guia da Dança de São Gonçalo. Socorro é dona de casa e domina técnicas de produção de remédios caseiros. É liderança comunitária, em 2018 recebeu o título de Mestra da Cultura, dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular pela Câmara Municipal de Baturité, em 2024 recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Ceará com a Dança de São Gonçalo e em 2025 o título de Mestra do Notório Saber pela UNILAB.

Ao serem questionadas sobre o que despertou a vontade de ser professora e qual a concepção delas sobre o que era ser professora, Dona Má afirmou que “Durante aquele tempo, a gente nem escolhia o que queria ser, porque era difícil, não tinha trabalho. Mas eu acho que o professor é uma missão, né? É, eu acho que é uma missão dele, que ele nasceu.”

Helena relatou que o desejo de ser professora, foi inspirado em suas próprias professoras do quilombo, dentre elas Dona Má. Ainda na infância desenvolveu muita admiração pela profissão. Hoje ela compreende que professora é aquela que orienta o processo de aprendizagem.

Mestra Socorro teve uma infância rodeada de amigas e carinho de sua família, o que a fez sentir que a profissão que exerceria no futuro, seria algo que ajudaria as outras pessoas, dessa forma, para ela, se caracterizando também como uma missão, ainda ressaltando que ser professora é um compromisso que exige atenção cuidadosa e dedicação.

Percebem-se diferenças entre gerações e perspectivas. Antes, muitas mulheres interioranas tinham como destino esperado casar-se, ter filhos e cuidar do lar, tornando distante a ideia de seguir uma profissão. No entanto, as primeiras professoras da Serra do Evaristo, mesmo diante das dificuldades, inspiraram gerações mais jovens com sua dedicação e amor pela educação. De acordo com Nascimento (2023), as mulheres quilombolas se mobilizam para abrir espaço para a (re)existência de outras mulheres, quando se organizam e perpetuam os saberes ancestrais.

Dona Má contou que iniciou na docência quando a família de Seu Chaga Leandro procurava uma mulher estudada para dar aulas particulares aos filhos. Na época, ela morava em Baturité e precisou viver com o tio no quilombo para lecionar. Depois se casou e firmou raízes na comunidade. Começou no magistério aos 24 anos, dando aulas em período integral

para turmas da 1ª à 5ª série, em diversas disciplinas. Seguiu estudando, precisando se deslocar nos fins de semana para Baturité ou Itapiúna (32 km da Serra do Evaristo), onde passava até três dias para continuar sua formação.

Dona Má relatou as dificuldades da época, como trabalhar o dia inteiro e ainda lavar roupas da família no rio. Participava de formações e planejamentos em Oiticica (21 km da Serra do Evaristo), indo a pé com outras professoras do quilombo, por vezes usando um atalho pela comunidade vizinha Carões. Quando as reuniões terminavam tarde, seu marido, Seu Antônio (Tôin), ia buscá-la a pé. Ela lembra dos perigos no trajeto, como quando, grávida, quase foi atropelada por bois no caminho.

Helena iniciou seus estudos no quilombo, repetindo a 4ª série várias vezes. Em 1986, com a chegada de um grupo de professores liderado por João Batista Lima de Assis (Batistinha), os jovens passaram a ter aulas voluntárias de formação política, português e matemática. No entanto, como essas aulas eram informais, os alunos precisavam sair da comunidade para continuar os estudos em Baturité, enfrentando dificuldades com moradia e alimentação “[...] nós passávamos a semana na cidade e retornávamos no final de semana, aí era todo aquele perrengue, porque morávamos em uma casa alugada, que o Batista conseguiu. E os nossos pais ajudavam com a alimentação.”

Durante o ensino médio, Helena estudou com outros jovens da Serra do Evaristo. Ao concluir, decidiu seguir o sonho de infância de ser professora e voltou ao quilombo para lecionar a primeira turma da 5ª série. Para isso, participou de formações pedagógicas em Baturité e Aracoiaba (município vizinho). Também acompanhava aulas por telensino e gravava em fitas de vídeo quando o acesso era difícil. Após passar em concurso em Baturité, lecionou na zona urbana, mas retornou como professora efetiva ao Quilombo Serra do Evaristo. Com a exigência da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 por formação superior, ingressou no curso da Universidade Estadual do Ceará (UECE) voltado a docentes de áreas específicas, estudando sem colegas da Serra do Evaristo ou de outros quilombos. Continuou dando aulas na comunidade e, em 2010, concluiu a graduação em Ciências Sociais, tornando-se bacharela em Ciências Sociais pela UECE. Em 2022, ingressou no Mestrado em Humanidades da UNILAB, onde defendeu, em 2024, a dissertação “A Escola Osório Julião na formação da identidade étnico-racial: a experiência do tornar-se quilombola na comunidade Serra do Evaristo/CE 2010 -2024.”, tornando-se mestra. Única da Serra do Evaristo em sua turma, integra o Coletivo de Estudantes Quilombolas da Unilab Ceará (CEKUCE), com outros estudantes quilombolas da UNILAB, sendo 25 da Serra do Evaristo e totalizando 60 com os estudantes quilombolas de 12 territórios cearenses. Professora da

Escola Osório Julião, Helena participa ativamente de formações voltadas à educação quilombola, como cursos da CONAQ e “Aquilombando a Educação no Ceará”, onde também atua como tutora.

Mestra Socorro contou que repetiu várias vezes a 4ª série, estudando na casa de dona Naide. Aos 18 anos, começou a trabalhar na creche do quilombo, indicada pela comunidade, e também deu aulas particulares para a mesma família atendida por Dona Má. Com as exigências da nova LDB, retomou os estudos e, junto a outras professoras do quilombo, concluiu o ensino fundamental por meio de módulos com apostilas, estudando na biblioteca municipal de Baturité. Ela relatou ter enfrentado muitas dificuldades para estudar, como a falta de transporte regular, a necessidade de conciliar o trabalho com os estudos e as condições adversas de deslocamento à pé, sob o sol, chuva, cansaço e fome.

Mestra Socorro passou três anos para se formar no ensino fundamental, e da mesma forma no ensino médio, juntamente com outras professoras do quilombo. Nesse período, Mestra Socorro já era casada e tinha filhos, e muitas vezes precisou dormir na casa de conhecidos em Baturité, principalmente durante o inverno.

A precarização do ensino no Quilombo Serra do Evaristo impactou gerações de professoras, cuja formação era interrompida na quarta série. Só após atuarem como docentes, retomaram os estudos com as mudanças da LDB. Para continuar a formação, precisavam sair da comunidade, enfrentando desconforto, exaustão, afastamento familiar, riscos e condições insalubres. Infelizmente em tempos passados, essa não era uma realidade vivenciada somente pelas professoras do Quilombo Serra do Evaristo, Cunha (2025, p. 179) aborda a vivência da professora Maria do Socorro do Quilombo Sítio Veiga (CE), que “se deslocava de casa até a escola geralmente a pé, em um percurso de três quilômetros todos os dias, pois o município não ofertava transporte. Além das orientações pedagógicas semanais, capacitações mensais e “encontrões” que duravam semanas.”

Esse recorte, reafirma o abandono que professoras quilombolas de diferentes territórios sofreram das instâncias políticas, as deixando em condições precárias para exercer suas formações e trabalho. Apesar dessas condições, essas mulheres não deixaram de se mobilizar juntamente com a comunidade, pelo direito de uma escola com educação completa e de qualidade, além de outros direitos que dizem respeito à formação docente, como transporte e alimentação. Fiabani (2017, p. 36) afirma que, “muitas mulheres afrodescendentes do meio rural travam lutas árduas contra o racismo, machismo e contra a fome, a favor da educação inclusiva e de qualidade.” Entende-se que no contexto de uma

comunidade negra, rural e pobre, muitas vezes os direitos são negados e negligenciados pelas instâncias políticas pelo racismo.

É possível visualizar que entre as três professoras, somente Helena conseguiu acessar o ensino superior. Ferreira (2021) destaca a desigualdade de acesso entre a população negra e branca ao ensino superior, que perdurou gritantemente durante muito tempo, até meados do fim da década de 90. Helena ingressou no ensino superior no ano 2000, no entanto as oportunidades para a população quilombola/negra no ensino superior ainda era bem reduzida. Felizmente é notável que a acessibilidade da população quilombola e negra as universidades cresceu consideravelmente, devido às lutas da própria população quilombola e negra e às políticas afirmativas para os povos negros advindas do governo Lula. No contexto da Unilab, o ingresso massivo de quilombolas na universidade se deu após criação Edital Específico para Quilombolas e Indígenas, advindo de tensionamentos da população quilombola de diversos territórios do Estado do Ceará, juntamente com a CEKUCE em consonância com a Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (CEQUIRCE). Infelizmente o edital foi descontinuado, mas os quilombolas continuam adentrando a Unilab e outras universidades por todo o país.

Em relação à formação acadêmica, as entrevistadas foram indagadas se buscaram adaptar as metodologias de ensino às especificidades da escola da Serra do Evaristo. Dona Má e Mestra Socorro afirmaram que na época em que elas estavam complementando a formação, a abordagem dos conteúdos dos livros, apostilas e materiais didáticos eram padronizados, independentemente de serem livros destinados a escolas de comunidades rurais ou urbanas. Não havia conteúdos específicos para a educação quilombola ou para a educação do campo, somados a isso, a comunidade ainda não havia se reconhecido como quilombola.

Helena também enfrentou a falta de abordagens específicas para a realidade quilombola em sua formação. Com a implementação da EEQ na Escola Osório Julião, passaram a ser desenvolvidas metodologias e materiais voltados à comunidade, como a Cartilha de Turismo Pedagógico, que integra saberes locais — poesia, arte e culinária — aos conteúdos escolares. Outro destaque é o Projeto Político Pedagógico das Escolas Quilombolas do Ceará, elaborado coletivamente por comunidades quilombolas e pela Secretaria de Educação do Estado.

Às sextas feiras acontece o planejamento das atividades da escola, onde os professores estudam diversos conteúdos e materiais da EEQ e assim acontece a formação continuada, além das edições do Curso de Formação de Professoras e Professores da CONAQ

que todos os docentes participam. Da mesma forma, no Curso de Aperfeiçoamento Aquilombando a Educação, os materiais para aulas são lidos e discutidos nos planejamentos.

Segundo Silva et. al. (2021, p. 114) “O professor e a professora que estão na missão de desenvolver a docência quilombola precisam observar o que o quilombo está ensinando no dia a dia. É necessário vivenciar o quilombo em todas as suas interfaces, isso é aquilombar-se.” A educação escolar quilombola na Escola Osório Julião é pautada no reconhecimento das potencialidades do território e na valorização dos saberes tradicionais. Parte-se do entendimento de que tudo no quilombo é ciência, dos saberes tradicionais às práticas cotidianas. Valorizar esses conhecimentos e integrá-los ao currículo fortalece o pertencimento, reafirma a identidade quilombola e enriquece a prática pedagógica.

A formação continuada voltada para a EEQ é essencial para que a modalidade se efetive conforme as diretrizes. É fundamental que as docentes participem de processos formativos que as capacitem tecnicamente e estejam conectadas com a realidade e as demandas do quilombo. Essas formações visam promover uma compreensão profunda da cultura, da história e das dinâmicas locais, reconhecendo que escola e comunidade estão intrinsecamente conectadas e se fortalecem mutuamente, como reafirma Silva et. al. (2021, p. 112) “a comunidade tem papel protagonista como instância que promove o debate e a formação continuada nos territórios, pautando uma formação a serviço da EEQ. Fortalecendo a EEQ, o povo também fortalece para as lutas comunitárias.”

Além disso, essas formações continuadas funcionam como um importante incentivo à formação de novas professoras quilombolas, pois reforçam a valorização da cultura, das vivências e das crenças do povo quilombola, bem como da própria profissão docente. Isso inspira as novas gerações a dar continuidade ao saber em suas comunidades por meio da EEQ. Como ensina Antônio Bispo dos Santos (2023), “somos começo, meio e começo”, destacando que o saber quilombola é transfluído de geração em geração, em um processo contínuo de renovação e fortalecimento, garantindo a perpetuação e o avanço dos saberes e práticas culturais quilombolas.

Ao serem questionadas sobre a implementação da Educação Escolar Quilombola na escola da Serra do Evaristo, Dona Má contou que se aposentou em 2000, antes do reconhecimento da comunidade como quilombola. Helena ressalta que a EEQ nasce da mobilização comunitária, que leva seus saberes e vivências para a escola. Para ela, embora a educação formal aconteça na escola, é no quilombo que ocorre a verdadeira formação, envolvendo todas as dimensões da vida coletiva. Na Serra do Evaristo, isso se concretiza em

práticas como a participação de mestres da cultura nas aulas, ensino sobre ervas medicinais, trabalhos de campo com o artesanato local e entrevistas com professores da própria comunidade.

A implementação da EEQ na Escola Osório Julião está em construção contínua. Após a certificação da comunidade como território quilombola, o pertencimento étnico-racial passou a ser debatido em espaços como a associação, mas ainda era negligenciado na escola, cuja gestão era composta por pessoas de fora, sem vínculo com as demandas locais. Diante disso, professores da Serra do Evaristo iniciaram essas discussões no ambiente escolar. Com apoio da associação e a mobilização de Alfredo Rafael (falecido em 2019), a comunidade reivindicou uma gestão escolar quilombola. Na última seleção da prefeitura de Baturité, a professora do quilombo Rainara Soares assumiu a direção da escola, conforme previsto nas diretrizes da EEQ.

Mestra Socorro relatou que o processo de implementar a EEQ na escola da Serra do Evaristo, iniciou em 2009 com um encontro realizado no Quilombo Sítio Veiga em que ela participou, onde foi trazida a importância da escola quilombola e ao retornar a Serra do Evaristo foram discutidos em comunidade, os processos para que fosse adotada a modalidade de escola quilombola.

No Quilombo Serra do Evaristo, observa-se que o processo de desenvolvimento da consciência identitária na comunidade, caminhou lado a lado com a atuação da escola, sendo ambos fundamentais para que a população assumisse sua identidade negra e quilombola. Segundo Silva et. al. (2021, p. 62) “A Educação Escolar Quilombola precisa ser mobilizadora para a luta quilombola. É uma educação que cria consciência. A consciência não pode ser naturalizada como se ela já estivesse dentro da pessoa e fosse despertada. Ela é uma construção.”

Nota-se que a educação quilombola na Serra do Evaristo acontece nos diversos espaços do quilombo, então quando se discute sobre as especificidades do povo e do território e sobre a necessidade de o povo quilombola ocupar os cargos importantes na comunidade, a educação quilombola está acontecendo mesmo fora da escola. Silva et. al. (2021) ressalta que a escola quilombola acontece de fato em espaços como a associação, terreiros de casa e na roça, e são esses movimentos de territorialização que dão sentido à luta coletiva quilombola pela educação na comunidade, reafirmando dessa forma, como o quilombo e a escola quilombola se complementam e são importantes para o funcionamento comunitário.

Ao serem indagadas sobre as contribuições das professoras na Escola Osório Julião, tanto na esfera estrutural como no ensino, Dona Má relatou que após sua aposentadoria,

contribui com a educação quilombola recebendo os alunos e professores da escola, que a buscam para enriquecer o conhecimento sobre as plantas medicinais, para produzir pesquisas e realizar aulas de campo no território quilombola.

Desde a adolescência, Helena lutou por uma educação de qualidade no quilombo e, como professora, participou de conquistas importantes, como a ampliação da Escola da Serra do Evaristo, que passou de três para cerca de dez salas, embora ainda precise de melhorias para o ensino integral. Outra conquista foi a mudança do nome da escola, agora chamada Osório Julião, em homenagem histórica definida coletivamente. Helena destacou ainda o desafio em conciliar saberes científicos e ancestrais, a importância de manter a identidade quilombola dos alunos e a luta pela criação de uma escola quilombola de ensino médio, atualmente em andamento.

Mestra Socorro relatou como ocorre sua participação na escola do quilombo, enquanto liderança, mestra da cultura, com seus conhecimentos sobre as plantas medicinais e sua religiosidade. Ela expressou muita felicidade em estar na escola e perceber o interesse dos alunos pelas danças e músicas que ela canta, por exemplo a música “Nego nagô”, além do interesse dos alunos e professores pelas propriedades das plantas medicinais.

Ela também destacou a homenagem recebida com o Prêmio Lei Maria Isabel pela Dança de São Gonçalo, cujo valor de 10 mil reais foi usado para renovar as roupas das dançadeiras e construir o Ponto de Cultura, sede de atividades da Escola Osório Julião e eventos comunitários. Apesar de questionar se merece tanto prestígio, reconhece, ao lembrar das dificuldades enfrentadas e de sua trajetória na comunidade, que sua história é digna de reconhecimento e inspiração.

Todos os anos, durante a programação do Mês da Consciência Negra acontece na escola o Encontro dos Guardiões da Memória, que é aberto ao público e promove um momento de resgate dos saberes e fazeres ancestrais. De acordo com Silva et. al. (2021) esses momentos de escuta e diálogo com as anciãs e anciãos não podem ser vistos como algo de rotina, mas visualizar de forma mais profunda, pois as vivências dos mais velhos são carregadas de ensinamentos valiosos, que enriquecem o aprendizado dos alunos e a prática pedagógica dos docentes.

Dona Má e Mestra Socorro relataram que, ao compararem o início da docência com os dias atuais, percebem os alunos mais interessados e participativos. Antes, as crianças eram muito reprimidas, mas hoje se sentem à vontade para tirar dúvidas. Dona Má também destacou melhorias na estrutura da escola, professores com formação completa e jornada de trabalho reduzida.

Helena ressaltou que a principal mudança é a vivência da educação quilombola, exemplificada pela Feira de Saberes e Sabores, onde os alunos compartilham com a comunidade os aprendizados sobre raça, gênero, ancestralidade, cultura e identidade quilombola.

A participação ativa dos estudantes se deve à imersão na cultura quilombola, iniciada na escola e fortalecida na comunidade. Ao estudarem a história e os costumes locais, reconhecendo pais, avós e vizinhos como referências, os alunos passam a valorizar o território e a identidade quilombola, o que aumenta seu envolvimento e compromisso com a escola.

6. Considerações finais

Portanto, com base na análise realizada, pode-se afirmar que as trajetórias das professoras do Quilombo Serra do Evaristo foram marcadas por desafios, resistências e transformações significativas. As motivações que as conduziram ao magistério e os obstáculos vivenciados nesse processo, evidenciaram o compromisso dessas mulheres com a educação e a perspectiva de transformação da comunidade em que vivem. Ao comparar os contextos formativos do passado com os atuais, percebemos muitos avanços importantes nas oportunidades e formações específicas para professores quilombolas pelas lutas do povo quilombola, bem como a valorização dos professores e que implementação da EEQ tem sido muito significativa como fortalecedora das práticas pedagógicas e do pertencimento étnico no Quilombo Serra do Evaristo.

Assim, este artigo buscou não apenas discutir sobre a formação de professoras do Quilombo Serra do Evaristo, mas também provocar indagações sobre os modos de vida das populações quilombolas, a valorização dos saberes de povos tradicionais e sobre as condições da formação docente quilombola, para dar continuidade a perpetuação dos saberes e fazeres quilombolas. Ao evidenciar esses aspectos, pretende-se contribuir para o fortalecimento da Educação Escolar Quilombola como instrumento de afirmação identitária e perpetuação dos saberes e fazeres, que constituem a memória e cultura das comunidades quilombolas e por fim, espera-se que as histórias de vida aqui apresentadas, sirvam de incentivo para novas pesquisas e para a formação de mais professoras quilombolas.

7. Referências

BRAGA, Elza Maria Franco. **Olhares sobre a Comunidade Quilombola Serra do Evaristo: trajetórias, descobertas e construções identitárias**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.** Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 30 de abril de 2025.

CUNHA, Fernanda Ielpo da. (2025). **Biografia de uma educadora quilombola: Formação docente e atuação da Maria do Socorro Eugenio da Silva (1955-2001).**

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Antônio Jeovane Silva. **(RE) Afirmando direitos: Uma etnografia da luta quilombola por acesso e permanência no ensino superior cearense – Caso Unilab.** 2021.

FIABANI, Adelmir; GOMES, Ana Beatriz Sousa; MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva (Organizadores). **Do pilão ao batom: história de mulheres quilombolas.** Curitiba: CRV, 2017. 182 p.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

LIMA, Anna Erika Ferreira; VIEIRA, Ezequiel Andrew Ângelo Barroso. **EXTENSÃO E FORMAÇÃO: segurança e soberania alimentar no quilombo da Serra do Evaristo.** *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 1, n. 1. 2018 Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/8630>> Acesso em: 9 de maio de 2025.

NASCIMENTO, Francisca Marleide. **Quilombo das mulheres: Alto Alegre, organização e luta.** 2023.

OLIVEIRA, Alexsandra F. B. et al. **Artefatos da cultura negra no Ceará: formação de professores para a educação, cultura, história africana e afrodescendente.** Volume III. Fortaleza: Editora CRV, 2020.

RAMOS, Rosilene. **A Escola Osório Julião na formação da identidade étnico-racial: a experiência do tornar-se quilombola na comunidade Serra do Evaristo/CE 2010 -2024.** 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, GIVÂNIA, et al. **Educação quilombola: Territorialidades, saberes e as lutas por direitos**. Brasil, Editora Jandaíra, 2021.